

LINGÜÍSTICA, PSICANÁLISE E CINEMA: A VOZ QUE INTERPELA NO SIMBÓLICO

LINGUISTICS, PSYCHOANALYSIS AND CINEMA: THE VOICE THAT INTERPELLATES IN THE SYMBOLIC

Natanael Duarte de Azevedo³¹
José Temístocles Ferreira Júnior³²

RESUMO: O presente artigo contribui para uma aproximação que fazemos entre a linguística saussuriana e a psicanálise lacaniana, a partir de uma melhor compreensão desta estrutura que Lacan diz ser a do inconsciente e que ele mesmo afirma ser semelhante a uma estrutura de linguagem. Sendo assim, movimentos do inconsciente e da linguagem estão presentes quando falamos em metáfora e metonímia enquanto formações do inconsciente e as comparamos aos movimentos do signo no sistema linguístico conforme pensado por Saussure. Analisamos o filme *Seven*, de David Fincher, segundo as teorias propostas por Saussure (relações sintagmáticas e associativas) e Lacan (movimentos de metáfora e de metonímia). Salientamos que a análise busca inferir dos crimes cometidos pelo assassino (sujeito) do filme os movimentos de linguagem como deslizamentos, tanto do ponto de vista da linguística saussuriana como do ponto de vista da psicanálise lacaniana. Ressaltamos, aqui, que a proposta não é traçar de forma decisiva o perfil do sujeito, muito menos enquadrá-lo num perfil clínico de psicose, neurose ou perversão. Mas, sim, perceber os movimentos de linguagem que desenham as cenas dos crimes sempre permeadas pela estrutura psíquica de John Doe. Para a análise, partimos do ponto que Lacan conceitua como fio condutor, ou seja, a metonímia. Esta está presente no ponto de partida da significação própria a cada sujeito (LACAN, 1988). Observamos, então, os movimentos metonímicos realizados pelo sujeito John Doe, para assim chegar à significação da realização da metáfora.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Psicanálise. Metáfora e Metonímia. Sujeito. Inconsciente.

ABSTRACT: This article contributes to the approach that we make between Saussurian linguistics and Lacanian psychoanalysis, with a better understanding of this structure that Lacan said to be the unconsciousness and that he even claims to be similar to the structure of language. Therefore, movements of the unconsciousness and language are present when we speak in metaphor and metonym while formations of the unconscious and compare the movements of sign language in the system as designed by Saussure. This work reviews the movie *Seven*, by David Fincher, according to the theories proposed by Saussure (syntagmatic associative relations) and Lacan (movements of metaphor and metonym). We stress that our research infers analysis of the crimes committed by the killer (subject) of the film the movement of language, such as landslides, both in terms of Saussurian linguistics and from the point of view of Lacanian psychoanalysis. We emphasize here that the proposal is not to draw decisive profile of the subject, not even to fit it into a clinical profile of psychosis, neurosis or perversion, but to understand the language of movements that draws the scenes of crimes always permeated by the psychic structure of John Doe. For the analysis, we take into account the point that Lacan conceptualized as a leitmotif, namely metonym. This is in the starting point of significance for each subject (LACAN, 1988). We observe, then, the movements made by metonymy subject John Doe, so that we can get to the significance the metaphor.

KEYWORD: Linguistics. Psychoanalysis. Metaphor and Metonym. Unconsciousness. Subject.

1 Introdução

Tratar da linguística saussuriana é antes de mais nada resgatar um momento da história da Linguística e devolver Saussure ao espaço que lhe cabe no âmbito das ciências humanas. Se pensarmos no grande movimento que foi o estruturalismo, automaticamente trazemos à

³¹ Professor Adjunto da Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UACSA/UFRPE). E-mail: natanael.duarte.ufpb@hotmail.com

³² Professor Adjunto da Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UACSA/UFRPE). E-mail: josetemistocles@yahoo.com.br

baila a figura ou os pensamentos de Saussure. Grandes nomes desse movimento, como Pêcheux, Jakobson, Lacan etc., viram em Saussure um terreno fértil para o desenvolvimento teórico. Trataremos em especial o último caso – Lacan, que muito estudou e comungou dos pensamentos do mestre genebrino.

Nosso trabalho busca entender o conceito de sistema linguístico postulado por Saussure e como, a partir dessa noção de língua como sistema, podemos chegar à teoria proposta por Jacques Lacan sobre o sujeito. Nossa proposta não é seguir exatamente os passos de Lacan, mas, pelo contrário, nosso grande objetivo é mostrar por que a linguística saussuriana serviu de ciência piloto para o estruturalismo europeu e como podemos pensar uma língua que dá suporte teórico para uma teoria tão complexa como a do inconsciente na psicanálise lacaniana.

2 Objeto-Língua: inquietações de Saussure

Sobre a linguística saussuriana, levantamos algumas questões sobre os estudos dos capítulos do Curso de linguística geral (CLG), de Saussure, nos quais podemos verificar que o autor, na tentativa de conferir cientificidade à abordagem adotada para investigação linguística, toma como objeto de estudo a língua e sua funcionalidade como sistema de signos. Essa nova perspectiva de abordagem do objeto-língua, antes de qualquer coisa, fugia em muitos aspectos aos princípios teórico-metodológicos da abordagem comparativista, adotada pela Linguística Histórica desde 1816 e ainda a pleno vapor no final do Séc. XIX. É a partir do conceito de sistema, proposto por Saussure, que a linguística exercerá o papel de ciência piloto no quadro das ciências humanas, dentro de um movimento identificado como “estruturalismo” (Cf. DOSSE, 2007), tais como, antropologia (Lévi-Strauss), literatura (Roland Barthes), psicanálise (Jacques Lacan), filosofia (Merleau-Ponty), entre outros. Ou como diz Hjelmslev:

Aderimos explicitamente ao passado em certos pontos a respeito dos quais sabemos que outros conseguiram resultados positivos antes de nós. Um único teórico merece ser citado como o **pioneiro indiscutível**: o suíço Ferdinand de Saussure. (HJELMSLEV apud NORMAND – em epígrafe, 2009) (o grifo é nosso).

Por isso, trazemos à baila uma releitura de Saussure que muito contribuiu não apenas para a afirmação da linguística enquanto ciência, como também para outras ciências humanas.

3 O Sistema da língua: um novo campo para linguística

É importante percebermos em Saussure (2006) a necessidade de um sistema, uma vez que, segundo o autor, o elemento isolado na língua não tem nenhum valor e o que condicionará o real valor desse elemento (signo linguístico) é sua função, sua relação (semelhança/dessemelhança) com outros elementos dentro do sistema. Salientamos também que é preciso compreender a noção de sistema tendo como base os estudos realizados por Saussure sobre as dicotomias (língua/fala; significado/significante; diacronia/sincronia, entre outras), nas quais observamos a impossibilidade de se tomar um elemento de forma isolada. Porém, ficar restrito ao estudo dicotômico faz com que muitos linguistas pequem a respeito dos estudos saussurianos, justamente por analisarem o signo de forma descontextualizada ou excludente, sem o situar em relação a outros elementos linguísticos, daí a primazia da funcionalidade no sistema.

Para Saussure, determinar a língua como objeto primeiro dos estudos da linguística é, antes de tudo, eleger um ponto de partida gerado por um ponto de vista, pois só assim é

possível criar o objeto a ser estudado. Como vemos no CLG (SAUSSURE, 2006, p. 15): “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”.

Acerca da natureza do signo linguístico, Saussure (2006) desenvolve conceitos para dar propriedade à teoria de língua como um sistema, tais como: considerações do signo linguístico, arbitrariedade do signo e caráter linear do significante.

Sobre o signo linguístico, verificamos a essência do conceito saussuriano de língua não como uma nomenclatura, ou seja, determinados termos que correspondem a determinadas coisas, mas sim como o autor explica como sendo: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica” (SAUSSURE, 2006, p. 80). Por “conceito” entendemos o significado e por “imagem acústica” entendemos o significante.

Trataremos o signo linguístico exatamente nessa relação entre significado e significante. Sobre o signo linguístico, Saussure é enfático na discussão de que não é possível existir o signo isolado, ou seja, o signo só é concebido como tal, funcionando por semelhança e por dessemelhança dentro do sistema. Se tomarmos o signo de forma isolada, teríamos a língua como nomenclatura, visão criticada e refutada por Saussure (2006).

Saussure ressalta também a necessidade de estudarmos o significado associado ao significante, pois apenas assim atestaremos uma entidade linguística.

[...] na língua, um conceito é uma qualidade da substância fônica, assim como uma sonoridade determinada é uma qualidade do conceito. Comparou-se amiúde essa unidade de duas faces com a unidade da pessoa humana, composta de alma e corpo. A comparação é pouco satisfatória. Poder-se-ia pensar, com mais propriedade, numa composição química, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e de oxigênio; tomado separadamente, nenhum desses elementos tem as propriedades da água (SAUSSURE, 2006, p. 119-120).

A partir desse conceito de signo, resultante da união entre significante e significado, entenderemos o que Saussure propõe como arbitrariedade.

Esse conceito proposto por Saussure requer uma atenção para que entendamos o cerne da produção dos sentidos. É pelo conceito de arbitrariedade que o autor deixa claro, para quem estuda sua teoria, que a linguística não trabalha com o signo em si, mas com sua relação dentro de um sistema, para assim produzir sentido. Não há, segundo Saussure (2006), uma motivação para que determinado conceito seja ligado à determinada imagem acústica como no exemplo proposto pelo genebrino: “a ideia de ‘mar’ não está ligada por relação interior alguma à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante”. Ou seja, não há uma motivação intrínseca na relação significado (mar) e significante (m-a-r), seja ela de caráter social ou de caráter histórico, como era estudado segundo o método comparativista.

Para Saussure (2006), sem a noção de arbitrariedade (o signo é arbitrário por excelência e não motivado), a ideia de valor não seria sustentada, uma vez que se o signo fosse motivado nós teríamos um valor absoluto e, portanto, a língua seria uma nomenclatura (determinado signo estaria atrelado a determinado referente).

A segunda característica do signo linguístico diz respeito à linearidade. Não iremos explorar nesta seção os desdobramentos que esse traço do signo representa para o sistema linguístico, mas fica evidente na teoria saussuriana do sistema que a linearidade decorre do significante, sempre inserido em uma extensão que constitui uma linha com início, meio e fim. O cerne da produção de sentido da teoria saussuriana está na ideia de língua enquanto sistema de signos. Percebemos que questões em torno da noção de sistema norteiam o pensamento de Saussure para discussão dessa nova perspectiva segundo a qual a língua deve ser tomada como um sistema que comporta relações. É necessário retomarmos algumas

questões saussurianas em torno do sistema para podermos chegar à noção de valor da língua, a saber: relações sintagmáticas e relações associativas.

4 Relações sintagmáticas e associativas: a engrenagem do sistema da língua

É a partir das relações sintagmáticas e das relações associativas que os signos se movem no sistema linguístico e produzem valores. Trata-se de duas relações distintas, porém indissociáveis, não sendo, portanto, possível estudar uma sem a outra. É importante percebermos em Saussure (2006), como já dissemos, a necessidade da visão de língua como um sistema, uma vez que, segundo o autor, o elemento isolado na língua não tem nenhum valor e o que condicionará o real valor desse elemento (signo linguístico) é sua função, sua relação com outros elementos dentro do sistema, e esta relação se dá a partir dos movimentos do sintagma e do paradigma.

Na visão de Saussure, as relações sintagmáticas se realizam na presença (*in praesentia*), ou seja, dizem respeito ao encadeamento dos signos de forma linear. Essa extensão (com início, meio e fim) é fundante para questões de impossibilidade de realizarmos duas sequências fônicas, por exemplo, ao mesmo tempo. Esta relação exclui qualquer deslize da língua como, por exemplo, pronunciar duas palavras ao mesmo tempo, ou até mesmo partículas menores, como foi dito sobre os fonemas.

Essa relação em presença, que ocorre no ato da fala, exerce uma função de seleção limitadora da relação associativa, encadeando signos de forma que possam produzir sentidos. Esse encadeamento dos signos se dá pela relação de oposição entre eles, ou seja, um signo existe em oposição a outro signo, formando assim o encadeamento dos signos propostos na teoria da relação sintagmática. É na relação sintagmática que o discurso advém.

É através dessas relações de oposições que o autor deixa claro que a linguística não trabalha com o signo isolado, mas com sua relação dentro de um sistema, para assim produzir sentido. Esta nova perspectiva proposta por Saussure entra em choque com a visão da língua em sua época, vista em uma perspectiva histórica.

Sobre as relações associativas, percebemos que estas apresentam a mesma importância das relações sintagmáticas no que diz respeito ao sistema linguístico, mas diferente do encadeamento do sintagma, as relações associativas ocorrem como um eixo infinito de produções, já que um signo pode ser associado a outros, por meio do som, sentido, grafia, etc. Podemos perceber isto mais claramente quando pensamos num signo linguístico como, por exemplo, “ensinamento”, que logo podemos associar a “ensino”, à “educação”, à “escola”, ou até mesmo associar a “armamento” pela presença do sufixo.

Segundo Saussure, a relação associativa ocorre em ausência, diferentemente da relação sintagmática, que ocorre em presença. Essa ausência não implica a exclusão de algo, e sim que essa relação ocorre na memória, por semelhança; é como se cada palavra pronunciada pelo sujeito fosse “escolhida” dentre outras palavras, semelhantes, organizadas na mente, em paradigmas. Como ressalta o autor:

Nossa memória tem de reserva todos os tipos de sintagmas mais ou menos complexos, de qualquer espécie ou extensão que possam ser, e no momento de empregá-los, fazemos intervir os grupos associativos para fixar nossa escolha (SAUSSURE, 2006, p. 150-151).

É na afirmação do autor de que as relações associativas não estão excluídas da língua, mas, sim, aparecem no discurso como que por apenso, ou seja, na memória, que podemos estudar a produção de sentidos atrelada ao suporte teórico lacaniano. Podemos, assim, tentar compreender melhor algumas questões trazidas pela psicanálise, tal como uma fuga, um

rompimento do significante, furando a barra do recalque, produzindo o que os psicanalistas chamam de “ato falho”, por exemplo.

Podemos dizer então que para Saussure as relações sintagmáticas e associativas são categorias linguísticas que estão na base do funcionamento do sistema da língua. O autor observa que essas categorias são distintas, mas indissociáveis, havendo, portanto, um vínculo de interdependência entre as relações que as condiciona reciprocamente.

Esses movimentos interdependentes ocorrem sempre por um processo de seleção da cadeia paradigmática para assim dar-se o processo de encadeamento, típico da relação sintagmática.

Essa seleção é realizada na “memória” através de um jogo de oposições que indicam, pela semelhança ou pela dessemelhança, que associações serão realizadas. Por sua vez, a relação sintagmática seleciona os signos que atendam à necessidade do discurso e encadeia-os de forma linear, também por um jogo de oposições, produzindo desta forma o sentido.

Salientamos que as relações associativas não devem ser lidas de forma excludente, uma vez que trazem em seu conceito a noção de “ocorrer em ausência”, logo devemos analisar essas relações a partir de um eixo vertical que ocorre na memória do sujeito, como que por apenso.

Nesse sentido, vale salientar que o princípio da arbitrariedade constitui esses movimentos, e é tomando as relações no sistema da língua que podemos pensar um lugar para o sujeito nesse processo, como podemos ver em Nóbrega:

O caráter arbitrário da língua é o que faz com que os sentidos, fugindo de certa forma a uma “escolha” ou a uma determinação direta do sujeito, sejam sempre susceptíveis de serem outros, constitutivamente polissêmicos (NÓBREGA, 2004, p. 106).

Ora, gostaríamos de enfatizar que não foi a intenção de Saussure teorizar sobre o sujeito, como também acreditamos que não caberia à linguística questões em torno do sujeito. Porém, é nesse campo teórico que poderia surgir, como assim fez Lacan, um lugar para o sujeito.

5 Valor: uma peça fundante no “jogo” da língua

Como já dissemos, a noção de valor em Saussure não pode ser vista de outra forma senão dentro do sistema. E o que isto representa para a teoria saussuriana?

Para explicar este conceito de valor, Saussure utiliza a metáfora do jogo de xadrez. Segundo ele, “uma peça só se torna um elemento real e concreto do jogo quando revestida de seu valor e fazendo corpo com ele” (SAUSSURE, 2006, p.128). De igual modo, os signos não podem ser considerados fora das relações que estabelecem uns com os outros dentro do sistema, advindo destas relações o valor de cada signo. Esta noção torna-se mais explícita se considerarmos a relação entre ideia e som.

Para Saussure, nem ideia nem som preexistem ao sistema, mas ambos só encontram sua determinação a partir da língua, que neste caso constitui-se como elemento organizador do pensamento. Portanto, o vínculo entre ideia e som é totalmente arbitrário, por isso os valores são sempre relativos. A noção de arbitrário nos permite, assim, entender que é na coletividade que os signos estabelecem seus valores, ocorrendo aí dois tipos diversos de relações: uma que se refere ao plano das similaridades (eixo paradigmático) e outra que diz respeito ao plano da combinação linear e temporal de sons que se opõem (eixo sintagmático).

Para Saussure, sem a noção de arbitrariedade (o signo é arbitrário por excelência, não motivado), a ideia de valor não seria sustentável, uma vez que se o signo linguístico fosse motivado nós teríamos um valor absoluto e, portanto, a língua seria uma nomenclatura

(determinado signo estaria atrelado a determinado referente). Outra questão trazida pelo mestre genebrino é que o valor (como a língua) é um fato social, um indivíduo sozinho seria incapaz de fixar algum valor ao signo.

Saussure aponta ainda o fato de essa noção de valor necessitar de duas ordens: 1) dessemelhança; 2) semelhança. Ou seja: o valor de uma palavra dependerá das outras palavras (elementos linguísticos) que a rodeiam.

Ora, para quem estuda Saussure fica evidente que o mestre está convocando para a teoria do valor as relações sintagmáticas (que ocorrem por oposição dos signos no eixo linear, por dessemelhança) e as relações associativas (que ocorrem por semelhança, na memória do sujeito falante).

Tais relações são geradoras de uma certa ordem de valor (valor *in absentia* e o valor *in praesentia*), por isso podemos falar em valores no plural. É por essa movimentação (dos valores) que Saussure quer chegar à noção de Valor, no singular, ou, segundo Bouquet (2000), o valor semântico.

Saussure (2006) enfatiza em várias passagens dos cursos de linguística geral que os valores só podem e devem ser tomados dentro do todo do sistema da língua. Aí é que está a relação entre a produção de sentido e o valor linguístico.

É na união e no funcionamento dentro do sistema, dos eixos vertical (paradigma) e horizontal (sintagma) que o sentido advém. Em outras palavras, vemos que, se não analisarmos o todo do sistema da língua (o entrelaçamento das relações associativas e sintagmáticas que geraram o valor semântico) não teríamos condições de entender a produção de sentidos na língua.

6 Da metáfora e da metonímia e da constituição do sujeito

É nesta perspectiva de sistema, proposto por Saussure, que Lacan fundamenta sua teoria de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, decorrente das relações sintagmáticas e associativas, em que Lacan busca uma aproximação nas relações de metáfora e metonímia, movimentos de linguagem, que constituirão e produzirão sentidos no sujeito.

É preciso entender, inicialmente, a metáfora como uma identificação, como uma substituição de significantes e não como os retóricos a conceituam, uma comparação abreviada. Porém, Lacan atenta para o fato de que, em seu princípio, a metáfora designa alguma coisa por meio do nome de outra coisa, ou seja, essa substituição ou identificação não ocorre de forma arbitrária, mas em decorrência de preencher o vazio da falta do recalque primeiro.

A metáfora, por ser substituição, tem um processo semelhante ao que observamos na linguística saussuriana, na noção de relações associativas que, por sua vez, são processos que acontecem por similaridade, conforme Jakobson (1995) observou nos estudos das afasias.

Como descrevemos, acima, a metáfora como a substituição do significante em relação ao S (significante originário – recalque originário) é necessário atentar para o processo que será discutido mais adiante, a constituição do sujeito. Lacan analisa a funcionalidade da metáfora, que está para o sujeito neurótico, uma vez que o sujeito psicótico é impossibilitado de realizar metáforas, já que o recalque original não é bem sucedido. Na psicose a metáfora nunca se realiza totalmente, aparecendo apenas como uma metáfora delirante, como ressalta o psicanalista: “[...] esse delírio pode até um certo ponto ser qualificado de loucura racionante, no sentido em que a sua articulação é lógica por certos aspectos, mas de um ponto de vista secundário” (LACAN, 1988, p. 247).

É por ser vista de forma secundária que evidenciamos as articulações metonímicas num sujeito psicótico.

No que diz respeito ao estudo da metonímia, levantamos aqui as questões e definições pertinentes estudadas por Lacan para entendermos a metonímia como um movimento de linguagem que faz parte da formação do inconsciente.

Na etimologia da palavra temos que a metonímia é a mudança de nome. O seu emprego na linguagem é para designar uma transferência de denominação, através de relações (matéria entre o objeto; continente entre conteúdo; parte pelo todo). Mas a metonímia representa, para Lacan e Jakobson, diferente de uma perspectiva retórica, o encadeamento dos significantes. Para Lacan, ela é o fio condutor, aquela que está no ponto de partida da significação própria a cada sujeito, o que torna possível a realização da metáfora (LACAN, 1988).

A metonímia, como um processo de encadeamento de significantes, é semelhante às relações sintagmáticas estudadas na linguística saussuriana, ou seja, as relações de linearidade do signo.

O que podemos observar a respeito da teoria lacaniana do sujeito é que sua estrutura é fundamentada a partir da intervenção da metáfora do Nome-do-Pai, a castração. Entretanto, deixamos claro que ao tratarmos de “pai” ou “mãe” não estamos fazendo referência aos seres biológicos e sim a funções exercidas como “pai” e “mãe”, ou seja, qualquer corte existente entre o bebê e a mãe, como por exemplo: o trabalho, o pai biológico, a própria mãe, algum evento etc. Sendo assim, ao aceitar a intervenção paterna, a criança deixa de ser o desejo do desejo do Outro, a mãe, identificando-se com o objeto deste desejo, ou seja, o *fálus* (LEMAIRE, 1989).

É necessário entendermos *fálus* não como o sexo real, biológico, mas como uma metáfora que represente o poder. Esta relação *mãe-bebê-fálus* ocorre pelo que Lacan diz que é a falta fundante do sujeito, ou seja, se não ocorre a separação, ou castração, imposta pelo Pai, a criança continua sendo uma “extensão” da mãe, o *fálus* que ela não possui. Quando há a castração, a criança deixa de ser o objeto do desejo da mãe e passa a desejar ter o *fálus*. Salientamos que este processo chamado “castração” só ocorre a partir de uma aceitação por parte da criança junto à mediação da mãe, permitindo que o pai/função exerça a lei interventora e, por conseguinte, castrando o filho. Para isso, é importante que a mãe e a criança reconheçam a voz do pai/função como uma Lei. Destacamos que essa aceitação e reconhecimento da criança e da mãe não ocorrem de forma consciente.

Esse reconhecimento por parte da mãe será essencial ao acesso da criança ao simbólico (linguagem) pela metáfora paterna, pois se a mesma reconhece o pai/função como a Lei, a criança terá êxito no processo de castração, instalando-se o recalque originário e, assim, constituindo-se como um sujeito neurótico. O não reconhecimento por parte da mãe dessa Lei interventora condicionará a exclusão do Nome-do-Pai, acarretando, assim, a criança a permanecer identificada ao *fálus* e se submetendo ao objeto de desejo da mãe, constituindo-se como um sujeito psicótico. Devido a essa recusa da Lei a criança fica presa ao Real, não conseguindo dessa forma simbolizar as coisas.

A psicanálise chama, então, de castração o efeito interventor, ou seja, de recalque, que é elementar na constituição do sujeito, a partir da aceitação ou exclusão desse recalque. É sabido que o sujeito estrutura-se como neurótico e como psicótico através dessa ordem interventora.

Segundo Pimenta (2005), é também o fracasso da metáfora paterna, ou seja, o recalque originário, que produz no psicótico a incerteza quanto à sua individualidade, levando-o a confundir-se com a coisa, ou com o nome da coisa. É por esta identificação com a coisa ou o nome da coisa que percebemos na linguagem do psicótico a presença marcante do pronome de terceira pessoa “ele”:

Vêm-se, em psicanálise de casos de criança, certas experiências bem particulares de relação com os pais, que anularam esta intuição de individualidade e bloquearam, por este mesmo fato, o acesso à linguagem e ao Eu. Trata-se de casos de psicose. Aliás, observa-se nos psicóticos o uso abundante do “Ele” para designação de si. O psicótico, incapaz de circunscrever a si mesmo, vê-se como um outro, como uma coisa do mundo sobre a qual profere os enunciados na terceira pessoa (LEMAIRE, 1989, p. 98).

No que concerne à função paterna, ela está no centro da questão do Édipo, considerada representante de uma fase, mas Freud deixa claro que o que se passa antes do Édipo tem sua importância, chamado de campo pré-edípico, em que se reúnem questões da perversão e da psicose (LACAN, 1999). Vale ressaltar que o advento do simbólico ocorre exatamente pelo Édipo.

Lacan faz uma releitura bem sucedida das atestações freudianas sobre o complexo de Édipo, afirmando que, na medida em que a criança deseja a mãe e tem o pai como um rival, pode-se considerar o fenômeno edípico como sendo o primeiro ato agressivo da criança contra o intruso, o pai.

É no complexo de Édipo que a criança se humaniza tomando consciência de si, do mundo e dos outros. Ocorrendo o acesso ao Nome-do-Pai, instaurar-se-á o declínio do Édipo, em que a criança deixa de Ser o *fálus*, que é objeto de desejo da mãe, e passa a desejar Ter o *fálus*, que é representado pelo pai.

Esse efeito de resolução do Édipo libera o sujeito dando-lhe, com o Nome e o lugar na constelação familiar, o significante originário de si, a subjetividade, como bem afirma Lemaire (1989).

Havendo o fracasso do recalque originário e, portanto, o fracasso da entrada do sujeito no Simbólico, acarretará a ancoragem do sujeito no imaginário tomado por uma realidade e, por conseguinte, na não-distinção entre significante e significado, fenômeno esse que Lacan irá chamar de *foraclusão*.

O fenômeno de *foraclusão* em Lacan é o que distingue a psicose da neurose. Define-se pelo fracasso do recalque originário e, portanto, pelo fracasso na entrada do simbólico ou na linguagem. O sujeito permanece ancorado no imaginário, tomado por real, ancorado na não-distinção entre significante e significado, quer o significante seja privilegiado e tomado no seu sentido literal fora de qualquer operação referencial à sua dimensão de símbolo, que o significado tenha a prevalência (LEMAIRE, 1989, p. 131).

Sobre a constituição neurótica, destacamos que nela verifica-se a ocorrência de forma bem sucedida do acesso ao Simbólico (o mundo da linguagem) por parte do sujeito, através da intervenção da metáfora do Nome-do-Pai. Essa constituição será marcada pelo recalque originário.

Percebemos que, apesar do psicótico não ter tido acesso ao Simbólico (linguagem), ele está fora do discurso, mas não fora do mundo da linguagem. Portanto, podemos verificar que o sistema linguístico age através das relações de encadeamento e associação presentes nas falas de um sujeito psicótico, havendo a possibilidade de uma linearidade da língua e uma seleção de signos propostos no sistema linguístico do sujeito, produzindo sentido.

O recalque é o interdito de certo conteúdo à consciência, o qual, fortemente investido, pode manifestar-se disfarçadamente sob a forma de sintoma (PIMENTA, 2005), portanto o castrado é um sujeito que adveio na linguagem e, desta forma, o sujeito se constitui na falta, que é para Lacan o elemento constitutivo do sujeito para uma estruturação neurótica.

Segundo Lemaire (1989, p. 112), para o sujeito ter acesso ao simbólico, “salda-se pelo que Lacan chamou de ‘divisão do sujeito’, pela perda de uma parte essencial dele mesmo, pois no simbólico o sujeito não pode ser se não representado, traduzido”.

É justamente nesta falta e nas representações que o sujeito realizará os movimentos da linguagem, a metáfora e a metonímia, sempre numa tentativa de substituição do que foi recalcado, o que Lacan chama de S , por se tratar do primeiro significante.

Assim sendo, o sujeito será efeito do significante S e não causa, devido a isso a formação dos sujeitos será heterogênea, uma vez que o processo de acesso ao Simbólico é o mesmo para todos os indivíduos, mas ocorre de forma muito singular em cada um, e esta individualidade será sempre marcada pelos deslizamentos, ou seja, pelo movimento que os significantes assumirão em decorrência do S .

7 Do filme

Analisaremos a seguir o filme *Seven*, segundo as teorias propostas por Saussure (relações sintagmáticas e associativas) e Lacan (movimentos de metáfora e de metonímia) que foram discutidas acima.

Salientamos que a análise busca inferir dos crimes cometidos pelo assassino do filme os movimentos de linguagem, como deslizamentos (metáfora e metonímia), tanto do ponto de vista da linguística como do ponto de vista da psicanálise, e que esses movimentos/deslizamentos serão elementos constituintes de sujeito.

Realizaremos, neste momento da discussão, uma breve introdução do filme *Seven*. O personagem (sujeito) central do filme é John Doe, ele transgride as leis da racionalidade e decide por conta própria, como instrumento divino de purificação, banir os pecados mundanos que assolam a humanidade. Na busca desta “pregação” religiosa o sujeito realiza uma contínua ação criminosa para que sirva de exemplo/espelho para os outros indivíduos, desencadeando assassinatos em série que chocam a polícia local.

Ressaltamos, aqui, que a proposta não é traçar de forma decisiva o perfil do sujeito, muito menos enquadrá-lo num perfil clínico de psicose, neurose ou perversão. Mas, sim, perceber os movimentos de linguagem que desenham as cenas dos crimes sempre permeadas por uma constituição de sujeito, John Doe.

Relações dos personagens no filme e suas representações: significante e sujeito

Podemos observar no filme *Seven* que o mesmo significante – morte – desliza pelas diversas cenas envolvendo os personagens do filme, sacrificados por John Doe à morte, constituindo, portanto, cada sujeito de uma forma diferente.

Verificamos na relação da vítima com o crime, que Doe realiza associações que o levam a escolher a vítima que melhor se encaixa nos seus propósitos, ou seja, como esse deslizamento do significante leva Doe a escolher suas vítimas e ao mesmo tempo como esses sujeitos (vítimas) se posicionam diante deste significante/morte.

Da análise

Na análise do filme *Seven*, percebemos a superioridade do significante sobre o sujeito, fenômeno este comprovado pelo elemento que guia o sujeito Doe. De mesma forma esse significante que move Doe será determinante para imolação das vítimas e também guiará os policiais na busca de entender o assassino e seus crimes.

Para a análise, partiremos do ponto que Lacan conceitua como fio condutor, ou seja, a metonímia. Esta está presente no ponto de partida da significação própria a cada sujeito (LACAN, 1988).

Observemos, então, os movimentos metonímicos realizados pelo sujeito John Doe para assim chegar à significação da realização da metáfora.

O filme traz diversos personagens que se movem de acordo com suas relações com os pecados capitais e esta movimentação torna-se o ponto principal da narrativa. Toda a movimentação começa quando o sujeito Doe se considera um pregador divino, escolhido pelo superior, Deus (Grande Outro), que, por meio da atrição, ou seja, o arrependimento forçado e não por amor a Deus, se inscreve como justiceiro, como podemos perceber na fala de Doe: “Pra você é mais conveniente me rotular como louco... Não é algo que eu espere que você aceite. Mas eu não escolhi. Fui escolhido.” (SEVEN, 1995).

Segundo a análise que realizamos a respeito do personagem John Doe do filme *Seven*, a morte, por atrição, ocupa a função de um significante que desliza em relação ao significado que suas vítimas assumem. Os sujeitos do filme são movidos em relação ao desejo/missão de purificação dos pecados capitais, ou seja, a morte/castigo é responsável pela movimentação dos sujeitos. Assim sendo, podemos dizer que os sujeitos se movem a partir do significante morte, e este só existe entre significados, pois a realização de purificação só ocorre em relação às vítimas, ou seja, o significante “morte” que move Doe precisa relacionar-se com a significação que o mesmo significante “morte” exerce nas vítimas.

Da Gula

O primeiro crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de comida, a gula, o obeso, o gordo, representativo do crime que merecia purificação. Observamos, na cena do crime que o indivíduo padecia sobre um prato de macarronada, quase que como um Narciso mergulhado no seu desejo. Percebemos na análise os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes “comida”, “tortura sem pressa”, “prazer no sofrimento”, culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito gordo pelo significante gula.

Vemos esta relação como Lacan fez para exemplificar a metáfora: “*Sa gerbe n’était point avare, ni haineuse* – Victor Hugo. Aí está uma metáfora.” (LACAN, 1988, p. 248). Metáfora esta analisada por Lacan:

É pelo fato de que o feixe é o sujeito de avaro e odiento, que ele pode ser identificado com Booz em sua falta de avareza e em sua generosidade. É pela similaridade de posição que o feixe é literalmente idêntico ao sujeito Booz (LACAN, 1988, p. 249).

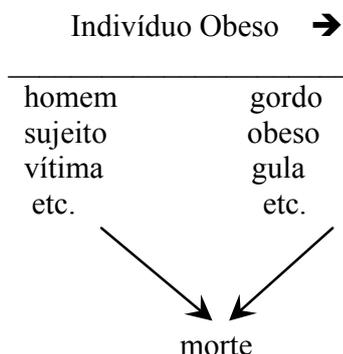
Constatamos o seguinte movimento linear (cadeia significante) que para Lacan está para a metonímia:

vítima → comida → tortura → desejo → sofrimento → morte.

Essa estrutura da cadeia linear do deslizamento, movimento metonímico, desemboca na formação da metáfora presente na morte, uma vez que é a pela metonímia que se torna possível à realização de uma metáfora. A morte da gula é substituída pela morte do sujeito obeso, que é representativo da gula.

Relação Obeso – Gula, na perspectiva de John Doe

O personagem obeso é representativo para Doe como indivíduo da gula, por seus traços físicos e o seu descomedimento em relação à comida. Daí a associação que John Doe realiza:



É nesta perspectiva que a significante “morte” direciona Doe a escolher sua vítima e exercer sobre ela a missão de purificação do pecado carnal, obedecendo à voz superior que lhe guia.

Por outro lado, constatamos que o significante “morte” exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é esperado, comer até a morte. É aí nesta ruptura do que é esperado, a “normalidade”, que o sujeito se inscreve.

É nesta postura do sujeito que percebemos que o significante “morte” desliza de formas distintas no sujeitos. Para Doe, este movimento substitutivo assume a representação de purificação, enquanto que para a vítima o movimento de substituição assume o caráter de punição.

A recusa em aceitar a morte causa em Doe o prazer na tortura, uma vez que este leva até as últimas consequências o seu dever de justiceiro, causando, não mais de forma natural a morte, e sim a partir de um ato perverso, agredindo a vítima na região do estômago, para que esta estoure por dentro, levando-a a morte por atrição.

Da Cobiça

O segundo crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de ambição, a cobiça, o corrupto, o avaro, representativo de mais um crime que merecia purificação. Percebemos na cena do crime que o indivíduo padecia sobre livros de justiça, em posição de redenção.

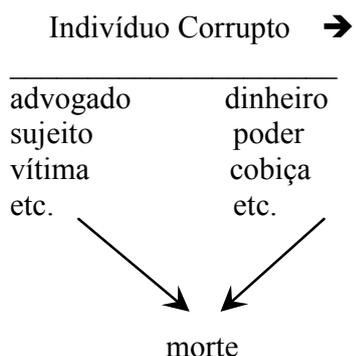
Destacamos os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes “advogado”, “tortura”, “mutilar-se”, “balança”, culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito avaro pelo significante cobiça.

Constatamos o seguinte movimento linear (cadeia metonímica):

vítima → justiça → advogado → tortura → desejo → automutilação → morte.

Relação Advogado – Cobiça, na perspectiva de John Doe

O advogado representa para Doe a cobiça, uma vez que este profissional defendeu um criminoso por dinheiro, ganância, mantendo relação com o próximo crime, o da preguiça. Por conseguinte verificamos a seguinte relação associativa:



Salientamos, novamente, que a significante “morte” direciona Doe a escolher sua vítima e exercer sobre ela a missão de purificação do segundo pecado carnal.

Constatamos que o significante “morte” exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é devido, a automutilação para alcançar a redenção. Novamente percebemos uma ruptura do que é esperado, já que para o avaro os bens é o que mais interessa, e a vítima prefere entregar-se à morte a ter que imolar-se, como vemos no bilhete deixado por Doe: “Cumprida esta tarefa, ela estaria livre” (SEVEN, 1995). E mais: “Uma libra de carne. Nem mais, nem menos. Sem cartilagem, sem osso, só carne” (SEVEN, 1995).

É nesta recusa a automutilação que percebemos que o significante “morte” desliza novamente de maneira distinta nos sujeitos. Para Doe, este movimento substitutivo assume a representação de purificação, enquanto que para a vítima o movimento de substituição assume o caráter de castigar-se. Como punição pela recusa da vítima, Doe castiga-lhe deixando-o sangrar até a morte e arranca-lhe pedaços de seu corpo para que este entenda sua subserviência perante Doe.

É percebido ainda que exista, nesta cena, toda uma significação na morte, uma vez que a vítima estava com a cabeça amarrada sobre seus livros jurídicos, com pedaços do corpo cortado e a carne colocada sobre a balança, representativo da justiça, como que um ato de se redimir pelos pecados cometidos.

Da Luxúria

O quarto crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de sexo, a promiscuidade, o descomedimento sexual, a prostituição, outro representativo de pecado carnal que merecia purificação. Observamos na arma do crime que a vítima fora assassinada por um *falo* metálico em formato de espada, como castigo. Percebemos na análise os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes “sexo”, “falo”, “prazer na dor”, culminando na morte, e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito prostituta pelo significante “luxúria”.

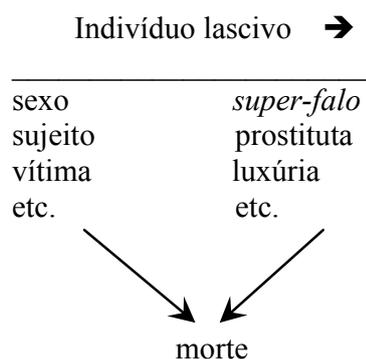
Constatamos o seguinte movimento linear (cadeia significante) que para Lacan está para a metonímia:

vítima → prostíbulo → sexo → falo → sofrimento → morte.

Relação Prostituta – Luxúria, na perspectiva de John Doe

Para John Doe a prostituição é representativa da luxúria, uma vez que ele não define uma prostituta específica para ser sua vítima, mas qualquer indivíduo que representasse o sexo em excesso. Para exemplificar este pecado capital, a luxúria, Doe utiliza elementos como

um quarto de prostituição, significando o excesso de sexo e um *super-falo* metálico para castigar, imolar e matar a sua vítima. Percebemos então a seguinte relação associativa:



Constatamos que o significante “morte” exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é devido, fazer sexo até a morte. Percebemos, novamente, aí uma ruptura do que é esperado, já que a prostituta se nega a transar com o cliente. Lembramos, aqui, que o cliente se torna vítima e assassino ao mesmo tempo, enquanto Doe sentia prazer em ver a prostituta ser perpassada pelo *falo* de metal afiado. Vale ressaltar, para explicar a posição de vítima/assassino que o cliente assume, no ato perverso que Doe pratica, amarrando o *super-falo* à cintura do cliente e forçando-o a penetrar a prostituta que também estava presa.

Da Vaidade

O quinto crime a ser revelado é o da morte pelo excesso de vaidade, o apego beleza, a soberba, a falta de humildade, outro representativo de pecado carnal que merecia purificação.

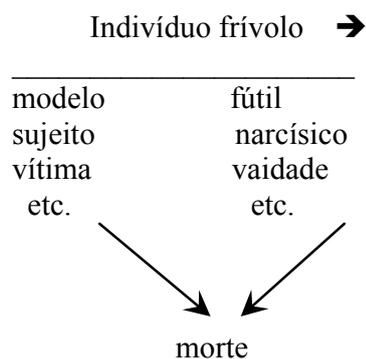
Observamos na cena do crime que a vítima morre desfigurada como castigo. Percebemos, então, na análise da cena do crime os deslocamentos metonímicos presentes nos significantes “modelo”, “beleza”, “ou viver”, “ou morrer”, culminando na morte e por sua vez no movimento de metáfora em que encontramos presente na substituição do sujeito “mulher bonita” pelo significante “vaidade”.

Constatamos o seguinte movimento linear (cadeia significante) que para Lacan está para a metonímia:

vítima → excesso de beleza → tortura → prazer na dor → morte.

Relação Modelo – Vaidade, na perspectiva de John Doe

Por perceber que o mundo da moda é permeado por “vaidades”, o assassino busca numa modelo a punição para este pecado capital, dando-lhe a oportunidade de redenção deste pecado. Verificamos a seguinte relação associativa:



Constatamos que o significante “morte” exerce outra influência sobre o sujeito (vítima), uma vez que este se recusa a exercer o papel que lhe é devido, viver sem a beleza.

Percebemos uma ruptura do que é esperado, já que a modelo se nega a viver desfigurada e decide morrer. À vítima foi dado o direito de viver (Doe lhe entrega um telefone para que esta ligue para o hospital) ou dormir até a morte (na outra mão Doe lhe entregou remédio para dormir), como verificamos no texto que Doe deixa na cena: “Grite por socorro e viverá. Mas ficará desfigurada. Ou ponha um fim na sua própria dor.” (SEVEN, 1995).

Morrer a viver sem a beleza foi o caminho escolhido pela modelo, afirmando, assim, sua postura diante do pecado da vaidade.

8 Considerações finais

Após a análise e discussão que levantamos aqui, vemos que a constituição do sujeito John Doe se dá em relação à posição assumida por este diante do significante “morte”. Nesse sentido, como vimos anteriormente, o posicionamento do significante exerce influência diante dos sujeitos de formas diferentes, é por isso que dizemos que o sujeito é *feito* do significante S e não *causa*, já que o processo de acesso ao Simbólico (linguagem) ocorrerá de forma distinta em cada indivíduo.

Assim, muito embora os sujeitos possuam um lugar na língua, percebemos que esta relação ocorre de maneira distinta. Por isso, analisamos sempre os movimentos de linguagem segundo a perspectiva de John Doe e nas perspectivas das vítimas.

É necessário enfatizar, nestas conclusões a que chegamos, a relação intrínseca existente entre os movimentos de metonímia e de metáfora, processos estes que constituirão o sujeito, revelando, assim, a forma como cada um se inscreve diante da posição assumida pelo significante morte.

Nesse enfoque, destaca-se, ainda, o papel fundamental desta análise, que é perceber como ocorrem os deslizamentos (movimentos) de linguagem em cada sujeito e não enquadrá-los em uma situação clínica.

Doe apresenta um conteúdo, nos crimes que comete banhados de muita violência, uma vez que inicia seus crimes sempre com tortura, para depois poder matar suas vítimas. Os atos cometidos marcam bem a inscrição do sujeito a partir dos deslizamentos do inconsciente.

Percebemos, portanto, que é possível fazer uma aproximação entre a linguística saussuriana e a psicanálise lacaniana, além de entender, ou melhor, de ter uma melhor compreensão desta estrutura que Lacan diz ser a do inconsciente e que ele mesmo afirma ser semelhante a uma estrutura de linguagem.

Pensar numa perspectiva da linguística que propõe a língua enquanto um sistema de signos é perceber os movimentos de linguagem (sintagma e paradigma) que se assemelham, no que diz respeito ao funcionamento dentro de um sistema, aos movimentos do inconsciente (metonímia e metáfora).

Observamos nos nossos estudos que foi necessário encontrar em Saussure uma teoria que dá lugar de primazia e anterioridade à língua para podermos entender que a constituição do sujeito é anterior ao indivíduo. Dessa forma, vemos um terreno fértil dos estudos da linguagem a partir da construção de um arcabouço teórico-metodológico que compreenda (não tão serenamente) o sistema da língua como um “instrumento” possível de análise das estruturas do inconsciente, uma vez que por meio da língua e o seu funcionamento sistêmico é possível se pensar na constituição do sujeito através dos movimentos metafóricos e metonímicos.

REFERÊNCIAS

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. Tradução de Álvaro Cabral; revisão técnica de Marcia Mansor D'Alessio. Bauru, SP: Edusc, 2007. v. 1: O campo do signo – 1945/1966. 513 p. – v. 2: O canto do cisne – de 1967 a nossos dias. 575 p.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1995. 162 p.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3, As psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. 380 p.

_____. O Seminário. Livro 5. **As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 532 p.

LEMAIRE, Anika. **Jacques Lacan: uma introdução**. 4 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989. 317 p.

NÓBREGA, Mônica. A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos. **Graphos** - Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 101-110, 2004.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184 p.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 1996. 279 p.

SEVEN os sete pecados capitais. Direção: David Fincher. Produção: Arnold Kopelson Phyllis e Carlyle. Intérpretes: Morgan Freeman; Brad Pitt; Gwyneth Paltrow; Kevin Spacey e outros. Roteiro: Andrew Kevin Walker. New Line Cinema, 1995. 1 DVD (127 min), widescreen, color.

PIMENTA, Shyrley. **Rev. da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro, SPTM**, v. 9, n. 1, 2005.

Submetido em 26/07/2016

Aceito em 25/10/2016